

## COM BRAÇO FORTE



PEDRO DUTRA FONSECA

Professor titular do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS

**D**iz-se que criticar é mais fácil do que elogiar. Talvez por isso haja pouca menção à política do Banco Central com relação ao dólar e aos juros nas últimas semanas. Claro, não se trata de unanimidade: há investidores de peso – nacionais e internacionais – que pressionam pela desvalorização do real e por elevação da taxa de juros, até porque a inflação, com o caminhonço e a elevação do preço do petróleo, acelerou-se, o que diminui os rendimentos reais das aplicações financeiras. Movimento semelhante ocorreu com relação à Turquia e à Argentina, e estas cederam. Já aqui, o Banco Central tem vencido a queda de braço ao impedir maior desvalorização do real e, nos últimos dias, cogitou mexer nas reservas, pois, apropriadamente, prefere atuar por meio de *swaps* (promessa de venda em mercado futuro) e leilões de linha. O Brasil quer mostrar que, ao contrário de outros países emergentes e de crises do passado, hoje tem reservas de US\$ 382 bilhões e sem dívida interna expressiva dolarizada – herança dos anos áureos da demanda chinesa por commodities.

Já com relação à Selic, o fato de o Copom mantê-la em 6,5% ao ano – sob o argu-

mento de que a pressão sobre a inflação vem dos custos e que elevar juros tem consequência nefasta sobre o déficit público – só não o saúda quem não acompanha o passado da instituição. Mesmo há pouco, com as incertezas políticas do impeachment e do “caso Temer/Joesley”, tentava-se segurar a inflação pelos juros, medida custosa e pouco eficaz nas turbulências. Lembrar que isto é um tiro no pé, pois eleva a própria dívida pública, nunca foi tese do banco nem mesmo no período dos governos tidos como “de esquerda” do início do século.

A mudança, portanto, não é desprezível. Mas, como nada acontece por acaso, resta indagar sobre suas razões. Pode ser a própria gravidade da crise, que não dá sinais consistentes de reversão, além de um segundo semestre à frente de grandes incertezas. O cenário internacional só piora com os protecionismos. E nunca se chegou tão perto de uma eleição presidencial sem se saber quem são os favoritos e mesmo quais são os candidatos. Talvez o Banco Central tenha aproveitado para dar uma demonstração de força frente às pressões de vários matizes. Se terá cacife para manter o braço forte é o que veremos de ora em diante.